

Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.



הַלָּפִיד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho



(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR—A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH) || COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L DA
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

O MESTRE DE AVIZ E OS JUDEUS

Das Memórias para a historia de Portugal que comprehendem
o governo del Rei D. João o 1.º, por Joseph Soares da Sylva.

VOL. I, CAPÍTULO XXVI.

Do mais que obrou o Povo naquele dia,
e no seguinte.....

...; e foi, que ajustaram (os sublevados) entre si, que para o Mestre se sustentar na dignidade em que o constituíam, lhe era necessário não só gente, mas dinheiro, e que o meio mais pronto de poder havê-lo, era roubarem logo todos os judeus, que havia na cidade, e moravam os mais deles na rua, que a seu respeito se chamava da Judiaria, aonde entre tantos havia dois de grandes cabedais, que eram D. Judas, o qual foi Tesoureiro-Mor de El-Rei D. Fernando, e D. David, que fôra seu privado.

Tomada esta resolução, se foi passando palavra, e ajuntando a tóda a pressa gente, para se pôr por obra; porém como era de muitos, não poder ser com tanto segredo, que antes de executada não tivessem os judeus notícia dela; e recorrendo logo ao remédio, que julgaram mais eficaz, não trataram da Rainha e só buscaram ao Mestre, pedindo-lhe instantemente lhes valesse, e acudisse em tão urgente perigo. O Mestre se escusou, dizendo, *que aquillo lhe não tocava, que pedissem à Rainha os socorresse, e segurasse, pois era a que como tal podia, e devia fazê-lo.* Porém êles de tal modo repetiram as instâncias, que compadecidos deles os Condes de Arraiolos, e de Barcelos, que se achavam presentes, intercederam com o Mestre, para que os livrasse, e com effeito montaram todos três a cavallo, e foram para

aquêlê lugar, aonde já estava muita parte do povo, esperando que se ajuntasse outro, para se executar aquêlê seu desígnio. O Mestre então lhes disse:

— Que é isto, amigos, para que vos ajuntais outra vêz? Aonde quereis ir, ou que intentais fazer?

— Senhor, disseram êles, estes traidores dêstes judeus, principalmente D. David e D. Judas, que são da parte da Rainha, têm grandes tesouros: queremos-lhos roubar, para vo-los dar a vós, a quem só queremos por nosso Rei, e Senhor.

— Amigos, lhes tornou o Mestre, não façais tal cousa, deixai isso por minha conta, que eu lhes darei o remédio conveniente.

— Pois, responderam êles, já que não quereis que os roubemos, iremos buscá-los aonde quer que estiverem, e tra-los-emos à vossa presença, para que descubram onde têm os tesouros, e vo-los entreguem.

Instou novamente o Mestre para os dissuadir de semelhante excesso, sem que fôsse possível reduzi-los, parecendo-lhes que naquela desobediência manifestavam melhor o seu affecto, e a sua fidelidade; até que vendo esta porfia os Condes, disseram ao Mestre, que o remédio, que só achavam para os fazer apartar daquelle sítio, era que dele saísse, porque certamente o seguiriam; como assim succedeu, indo com êle a maior parte do povo; e chegando o Mestre à Rua Nova, encontrou o Juiz do Crime da Cidade, que

então era Antão Vasques, ao qual disse, que fosse logo apregoando por toda ela da parte da Rainha, e debaixo de certa pena, que ninguém fizesse mal, nem ofendesse aos judeus; e ele lhe respondeu, que sim o faria, mas não da parte da Rainha, senão da sua; e por mais que o Mestre lhe rogou, e persuadiu, que tal não fizesse, ele sem embargo disso, todos os pregões, que deitou, foram em nome do Mestre. O povo ouvindo isto, e vendo um tal desinterêsse, concebeu novos estímulos para o desejar por seu Rei, e assim iam dizendo todos uns para os outros:

— Que fazemos, que não levantamos este homem por nosso Rei?

Com estas, e outras semelhantes vozes o foram acompanhando até à Sé, aonde se apearam ele, e os Condes para ouvirem missa, e o povo se foi separando pouco a pouco, com que os judeus ficaram livres de tão próximo perigo.

*

Da mesma obra de José Soares da Silva. A Rainha D. Leonor retirou de Lisboa para Alenquer acompanhada por muitos fiéis, ministros, etc.

«Foram também com a Rainha D. David e D. Judas, os judeus que o povo queria roubar, os quais com medo, deste, e por continuarem no seu serviço, partiram na sua comitiva, e com algum disfarce, por não serem conhecidos.»

■

UM HOMEM SÓ, SEM FAMÍLIA, SEM FILHOS E SEM DEUS

Guilherme II, ex-Kaiser da Alemanha, declarou a um jornalista americano:

«Da nossa Alemanha... Adolf Hitler fez uma nação de histéricos, conduzida por um milhar de mentirosos e de fanáticos... É um homem só, sem família, sem filhos e sem Deus... Uma nação é criada pela família, uma religião, tradições. É feita do coração das mães, da sabedoria dos pais, da alegria e da exuberância dos filhos... Um alemão encorpora esta nação nele mesmo e não tem nem Deus, nem dinastia a conservar, nem passado a consultar.»

Esta declaração foi já reproduzida por todos os jornais de todos os continentes, excepto, é claro, a imprensa nazi.

UMA MOÇÃO DO CONSISTÓRIO ISRAELITA DE PARIS

O Consistório Israelita de Paris, reunido pela primeira vez em sessão aberta desde os recentes acontecimentos da Alemanha, sentese incapaz de retomar as suas deliberações sem ter expresso solenemente, em nome de toda a comunidade parisiense, a dor e a indignação que suscitam nela as perseguições ordenadas pelos actuais dirigentes do Reich.

A quasi totalidade das sinagogas foram incendiadas, os fiéis obrigados a profanar os Rolos sagrados, e mesmo como em Sarrebrück, obrigados a espalhar eles próprios o petróleo nos lugares do culto, os rabis conduzidos aos campos de concentração, as arrestações em massa, os assassinatos, as sevícias, a espoliação e a pilhagem, todas estas vergonhas ficarão marcadas com ferro vermelho sobre as espáduas dos criminosos,

Sem sinagogas, a oração não continuará nelas a elevar-se para o Soberano Senhor. Os rabis, mesmo na prisão, continuarão servidores da Lei. A alma dos mártires encontrará do lado de lá a eterna santificação.

Resta o dever humano. É assegurar o mais de-prêssa possível as possibilidades de vida a todos os infelizes israelitas perseguidos, privados de meios de subsistência, por vezes até de alojamentos.

O Consistório de Paris tomou conhecimento dos esforços feitos na França para este fim. Fará tudo o que dele depende e usará de toda a sua influência para que esta acção de socorro seja plenamente eficaz.

■

INIMIGOS DA CIVILIZAÇÃO

Duff Cooper, na sua conferência aos Embaixadores, fez uma alusão às perseguições anti-judaicas na Alemanha.

Fê-lo duma maneira delicada e discreta, mas as suas palavras tiveram um profundo eco:

«Parece-me justo, disse ele, parece-me justo e necessário declarar que um regime que começa pelo auto de fé de livros, que continua pela abolição da liberdade do pensamento e da imprensa, que persegue a religião, procura exterminar pela crueldade uma raça antiga que deu ao mundo o cristianismo, é o inimigo da civilização.»

O ENSINO RELIGIOSO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 88)

II — Métodos de ensino religioso

(Continuação)

Além do método expositivo-interrogativo, a que acabamos de nos referir, um outro há que pode ser empregado com bons resultados: é o método *oriental*.

Este método permite ao preceptor, no caso, aliás pouco provável, de se encontrar num meio em que lhe faltem auxiliares, ensinar um elevado número de crianças, mesmo dos dois sexos.

Consiste êle em fazer repetir várias vezes, cadencialmente, em voz alta, por tôdas as crianças ao mesmo tempo, depois separadamente, por uma ou mais, e em seguida de novo por tôdas, etc., a lição, por partes, até que a saibam de cor.

O preceptor terá o cuidado de mandar sentar as crianças em bancos, distanciados suficientemente para que os dum banco não possam incomodar os do banco seguinte, ficando os meninos adiante das meninas. Deverá conservar-se na frente, sentado, ou, melhor ainda, de pé, firme, sem passear, dominando-os a todos com o olhar; e quando vir algum desatento, dirija-lhe imediatamente uma pergunta ou mande-o repetir o que se estava dizendo.

Para precisar os ensinamentos ministrados e gravá-los na memória das crianças, de grande utilidade será que no fim de cada lição o preceptor faça uma recapitulação do que nela foi explicado e que as crianças a repitam; e depois de cada série de lições impõe-se também uma recapitulação delas, distinguindo-se bem as suas diversas partes e a sua ordem lógica.

III — A educação religiosa

Não basta conseguir que as crianças fixem as lições ensinadas. Isto seria apenas ilustração da inteligência. Ora o coração, o carácter e a consciência necessitam igualmente ser formados. A's verdades teóricas e às explicações é preciso juntar ainda as

normas de vida, as exortações ao cumprimento dos deveres, etc.

Devem, pois, os preceptores, ter sempre diante dos olhos esta grande verdade: que a sua missão não é só instruir mas também, e principalmente, educar; não é só ensinar as verdades da fé e os preceitos divinos, mas sobretudo conseguir que os educandos, crendo, se tornem verdadeiramente homens de bem e bons israelitas. E' preciso, segundo Dupanloup, «guiar-lhes o carácter, corrigir-lhes os defeitos, fortalecer-lhes a vontade, iluminar-lhes e rectificar-lhes a consciência, ennobrecer-lhes os sentimentos; é preciso, emfim, elevar por completo a sua alma a Deus».

A obra dos preceptores só ficará completa tratando êles de formar as crianças para a vida israelita, para a piedade e para a virtude.

E' portanto, necessário aproveitar tôdas as ocasiões de inspirar às crianças o santo temor de Deus, o horror do pecado, o amor da oração, o desejo de freqüentar a sinagoga e o porte respeitoso e devoto dentro da mesma, bem como a obediência aos superiores, a aplicação ao trabalho, etc.

Além de instruir e educar, deve o ensino visar ainda a santificação — cujo principal meio reside na oração.

Necessitam, portanto, os preceptores, de ensinar as crianças a fazer as suas orações atenta e devotamente, e dum modo particular a assistir à que é feita pelo Oficiante na Sinagoga. Além disso farão por despertar nelas o desejo de purificarem a sua consciência tôdas as vezes que ela se sinta culpada; e deverão ensinar-lhes a fazer o exame de consciência, a excitar em si a dor dos pecados cometidos e a confessá-los a Deus, especialmente em *Iom Kipur* (Dia de grande Perdão).

Nunca os preceptores poderão contar com a perseverança dos educandos se não lhes formarem na alma a consciência moral, o carácter, o amor do dever e a nobre aspiração de o cumprir com fidelidade e em tôdas as circunstâncias, pondo inteiramente de lado os respeitos humanos.

Cantos Sionistas de CAMÕES

SONETOS

*De Babel sôbre os rios nos sentamos,
De nossa doce pátria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saúdades de Ti, Sião, choramos.*

*Os órgaos nos salgueiros penduramos,
Em outro tempo bem de nós tocados;
Outro era êle, por certo, outros cuidados;
Mas por deixar saúdades os deixamos.*

*Aquêles que cativos nos traziam
Por cantigas alegres preguntavam:
Cantai (nos dizem) hinos de Sião.*

*Sôbre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tiránicamente pretendiam
Que cantassem aquêles que choravam.*



*Sôbre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quais nossas culpas o ordenaram,
Lágrimas nossos olhos derramaram
Por Ti, Sião divina, suspirando,*

*Os que iam nossas almas infestando,
De contínuo em error, as cativaram;
E em vão por nossos Salmos preguntaram;
Que tudo era silêncio miserando.*

*Dizendo estamos: Como cantaremos
As aceitas canções a Deus benino,
Quando a contrários seus obedecemos?*

*Mas já, Senhor só Santo, determino
Deixando victosíssimos extremos,
Os cantos prosseguir de Amor Divino.*



*Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquêlle breve bem, aquela glória,
Que em Ti, doce Sião, tinha passado.*

*Da causa de meus males preguntado
Me foi:— Como não cantas a história
De teu passado bem, e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?*

*Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores dessa sorte.*

*Respondi com suspiros: quando cresce
A muita saúdade, o piedoso
Remédio é não cantar, senão a morte.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Le Comunità Ebraiche della Libia». — Tipografia «La Poligrafica» — Firenze (Itália) — interessante estudo histórico das principais famílias desta comunidade por Gabriele V. Raccah.

«Lunario Ebraico Libico». — Slá Cbira 3 — Tripoli — o seu autor Sr. Gabriele V. Raccah apresenta-nos em ordem cronológica de dias e meses, factos históricos de interesse para a Comunidade Israelita da Líbia.

«Contemporary Jewish Record». — Revista publicada pelo American Jewish Committee — 461 — Fourth Avenue, New-York, N. Y.

E' um *magazine* de artigos firmados por escritores de autoridade sôbre os acontecimentos e problemas relativos à vida judaica e também sôbre diversos assuntos de carácter social democrático do mundo de hoje.



ENSINO ELEMENTAR E DOMÉSTICO

Questionário de rudimentos de judaísmo

(Continuado do número anterior)

— Quais são os nomes dos oficiantes, dos ajudantes, da arca dos livros sagrados, do local onde estão os oficiantes, do local donde as mulheres assistem ao culto?

— Quais são as principais berakthoth (Bênçãos) que conhece, pronunciando-as em hebraico e português?

— O que é o Kidush?

— O que é a Habdalah?

— O que é o Seder?

— O que é a Hagadah?

— Como é o calendário hebraico?

— Quantos anos novos tem o ano hebraico?

— Como se passa da era hebraica para a vulgar e vice-versa?

— Quando começam e findam os dias segundo o uso israelita e porque se usa assim?

— Que é Bar-Miçvah e qual a sua importância?

— Quais são os deveres para com Deus, para consigo próprio, para com a sua família, para com a sua nação e para com o próximo?

Questionário de História

A CRIAÇÃO

- Quem criou o céu e a terra?
- Quantos são os dias da criação?
- Descreva a obra feita nos seis primeiros dias?
- Estes dias são da mesma duração dos que usamos?
- Como foi criado o primeiro homem?
- Em que Adão foi criado à semelhança de Deus?
- Como foi criada a primeira mulher?
- Qual a significação da maneira como foi criada?
- Qual a origem do sábado?
- Para que foi criado esse dia?
- Tinha Deus necessidade de repouso?
- Quem criou os anjos?
- Para que os criou?
- O que era o jardim do Eden?
- Qual foi a prova a que foram sujeitos Adão e Eva?
- Qual a significação da desobediência de Adão e Eva?
- Qual foi a punição recebida por eles?
- Quais foram os primeiros filhos de Adão e Eva?
- Qual foi o crime de Caim, qual o seu motivo e qual foi a sua punição?
- Adão e Eva tiveram mais filhos?

NOAH

- Porque ordenou Deus o dilúvio?
- Porque resolveu Deus poupar Noah e os seus?
- Como se salvou Noah do dilúvio?
- Que meteu Noah dentro da arca?
- Como findou o dilúvio e como o conheceu Noah?
- Que fez Noah quando saiu da arca?
- Qual a significação do arco da velha aliança?
- Quais eram os filhos de Noah?
- Qual o seu procedimento para com seu pai, quando da colheita dos frutos?
- Porque motivo foi construída a torre de Babel?
- Qual a punição deste acto?

OS PATRIARCAS

- O que é a idolatria?
- Onde vivia Abraham?

— Eram os pais e parentes de Abraham idólatras?

— Como chegou Abraham ao conhecimento do Deus Verdadeiro?

— Porque saiu Abraham da Caldeia?

— Para onde se dirigiu Abraham?

— Como começou a nação hebraica?

— Qual foi a causa da separação de Abraham e Loth?

— Qual a origem do nome Hebreu e da Terra Prometida?

— Que aconteceu a Loth depois da separação?

— Depois da vitória de Abraham, quem veio ao seu encontro para o abençoar?

— Como foi a destruição de Sodoma e Gomorra?

— Qual foi a origem dos Moabitas e Amonitas?

— Narre a história de Agar e Ismael.

— Qual foi o sinal da aliança de Deus com Abraham?

— Como foi o sacrifício de Isaac e porque motivo?

— Onde era o monte Moriah?

— Que fez Abraham depois da morte de Sarah?

— Como desempenhou Eliezer a sua missão quando foi procurar Ribkah?

— Como Isaac recebeu Ribkah?

— Como nasceram Esav e Jacob?

— Porque era que Isaac amava mais Esau?

— Como foi que Esav vendeu o seu direito de primogenitura?

— Quais eram as vantagens desse direito?

— De que maneira conseguiu Jacob receber a bênção paternal?

— Onde foi refugiar-se Jacob fugindo à cólera de Esav?

— Que sonho misterioso teve Jacob na sua viagem?

— Como foi recebido Jacob em casa de Laban?

— Com quem casou Jacob?

— Porque voltou Jacob para a Terra Prometida?

— Como foi a luta de Jacob com um anjo e que nome recebeu?

— Como foi a reconciliação de Jacob e Esav?

— Quais foram os filhos de Jacob?

(Continua).

A expedição portuguesa às Canárias em 1440

Em 1440 efectuou-se uma expedição portuguesa às Canárias, sob as ordens de D. Fernando de Castro. As despesas orçaram por 710.000 reais brancos, obtidos por meio de quatro empréstimos das comunas judaicas de Evora, Lisboa, Leiria, Santarém, Alenquer, Coimbra, Setúbal, Lamego, Portalegre, Estremoz, Algarve, Beja, Abrantes, Viseu e Pôrto.

Por este facto se demonstra quanto os judeus portugueses contribuíam com o seu auxílio pecuniário para os progressos das nossas empresas marítimas. O seguinte documento prova a nossa afirmação:

CARTA DE QUITAÇÃO A JOÃO CARREIRO

2 DE ABRIL DE 1441

Dom Afonso, etc.—a quantos esta carta virem fazemos saber que nos mandamos tomar conta e Recadação por Alvaro Anes nosso contador em os nossos almoxarifados de Alenquer e Sintra e Vila Franca a João Carreiro morador em a nossa mui nobre e mui leal cidade de Lisboa e criado (sic) Infante dom Pedro meu sobre todos presado e amado tio de todo aquele que el por nosso mandado recebeu e dispendeu em o ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil iiij^o R em a armada em que foi dom Fernando de Castro governador que foi da casa do Infante dom Henrique meu muito presado e amado tio e em outras despesas que fez por nosso mandado o qual João Carreiro se mostrou ter recebido este que se segue: primeiramente recebeu cinquenta mil reais brancos de Pero Lopes da agua recebedor da nossa sisa do pescado e madeira da dita cidade do que ela rendeu o dito ano.

Item recebeu cento e cinquenta mil reais brancos da comuna dos Judeus da nossa cidade de Evora que dela havemos por emprestado.

Item recebeu cento e cinquenta mil reais brancos da comuna dos Judeus da dita cidade de Lisboa do dito emprestado.

Item recebeu vinte mil reais brancos da comuna dos Judeus de Leiria do dito emprestado.

Item recebeu trinta e seis mil reais brancos das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Santarem do dito emprestado.

Item recebeu vinte e quatro mil reais das comunas dos Judeus dos almoxarifados da cabeça de Alenquer do dito emprestado.

Item recebeu vinte mil reais das comunas dos Judeus do almoxarifado de Coimbra do dito emprestado.

Item recebeu vinte e quatro mil reais das comunas dos Judeus do almoxarifado de Setubal do dito emprestado.

Item recebeu dezanove mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Lamego.

Item recebeu dezassete mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Portalegre.

Item recebeu quarenta e oito mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Estremoz.

Item recebeu trinta e tres mil reais das comunas dos Judeus dos nossos almoxarifados do reino do Algarve.

Item recebeu cinquenta e seis mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Beja.

Item recebeu sete mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Abrantes.

Item recebeu seis mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Vizeu.

Item recebeu cinquenta mil reais das comunas dos Judeus da comarca dentre Douro e Minho e da nossa cidade do Porto os quais dinheiros havemos das ditas comunas por emprestado.

E mandamos a cada uma comuna depois fazer pagamento dos que nos assim emprestaram por aquilo que nos pagaram dos quatro pedimos que deles havemos de nos fazerem serviço.

E assim amonta em todos os dinheiros que o dito João Carreiro por nós recebeu pelas partes suso escriptas setecentos e dez mil reais brancos.

E alem dos ditos dinheiros recebeu mais o dito João Carreiro estas cousas adiante escritas as quais ele comprou por nosso mandado, a saber:

de seu tres arroubas e de estrens desparto novos um e de cordas de linho canave para brocis dez braças e de arpoeiros uma de

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Holanda — A Federação Neerlandesa dos Jornalistas, reunida em assembleia geral, considerando a emoção da população assim como a sua boa vontade, adoptou por unanimidade uma resolução, na qual faz apêlo ao Governo e especialmente ao Ministro da Justiça, para que seja mostrada a maior generosidade no acolhimento das vítimas das perseguições judaicas; em primeiro lugar, as crianças e os vèlhos que se apresentam nas fronteiras.

Inglaterra (Londres) — Um comité especial de israelitas inglêses, presidido por Lord Samuel, entrou em negociações com o Governo britânico, a-fim-de organizar a emigração para a Inglaterra e a educação dos milhares de crianças judias alemãs que vão ser albergadas e criadas na Grã-Bretanha.

Os membros dèste comité estão também em negociações com autoridades diversas dirigentes do ensino na Grã-Bretanha, sobretudo com o London County Council.

Noruega — Um milhar de estudantes noruegueses reuniram-se em Oslo a 24 de Novembro e resolveram pedir aos estudantes do mundo inteiro para combater o movimento de ódio racial e de intolerância. Uma comunicação foi dirigida ao Governo norueguês para pedir a admissão na Noruega dum certo número de refugiados judeus.

Chili — Dizem-nos de Santiago-do-Chili que setenta-e-cinco parlamentares, pertencendo a várias organizações políticas, dirigiram ao chanceler Hitler, em nome da civilização, uma mensagem, protestando contra as perseguições de que são objecto os judeus e pedindo que elas acabem e que sejam restabelecidos para elles os direitos à vida e à justiça.

trinta braças e de fio de palombar um novelo e de vidrais um e de croques um e de polens de pano trez e de pontões doze e de rolo de pano um grande e de toneis de carvão de pedra trez e de esteiras de junco xvij e de corda de linho canhamo quarenta braças que pasou (sic) um quintal e meio e de tachas para pregar solhos cem milheiros. O qual João Carreiro se mostrou por verdadeira conta que assim deu dispende por nosso mandado todos os ditos seicentos e dez mil reais brancos que recebeu e todas as outras coisas que recebeu por compra que não ficou dele nenhuma coisa por dispende em soldo e graças e resguardo do soldo que mandamos dar ao dito dom Fernando e dom Alvaro seu filho e João de Ataíde e Martim de Tavora e outros cavaleiros e escudeiros que foram com ele por assim e seus homens de armas e besteiros e homens de pé e em fretes de naus e em outras coisas necessarias á dita armada. E em algumas outras despesas que não pertencia a ele as quais despesas por nós foram vistas, e porque achamos serem tais como deviam as aprovemos e houvemos por boas e porque eram muitas e por desvairadas coisas e partes não se puseram em esta quitação por o meudo por que seria mui longa escritura, por que o sobre dito João

Carreiro que nos deu assim boa conta de todo o que recebeu por nosso mandado com paga e entrega sem dele falecer cousa alguma. Porem lhe mandamos dar esta nossa quitação por sua guarda e de seus bens herdeiros e sucessores para nunca em nenhum tempo por isto serem demandados para dele haverem de dar recado alem do que já tem dado. E mais damos aos veedores da nossa fazenda e contadores e a outros quaisquer e que este pertencer por qualquer guisa que seja que não costranjam nem mandem costranger o dito João Carreiro e seus herdeiros que hajam de vir perante eles a mais dar conta disto por que nós os damos por quites e livres deste dia para todo o sempre e se lhe alguns quizerem ir contra este nosso (mandado) mandamos ás nossas justiças que lho não consintam e lhe comprem e guardem e façam cumprir e guardar esta nossa carta cumpridamente em todo sem algum outro embargo que sobre ele ponham onde não façandes nada sem a dita cidade de Lisboa dous dias de Abril por autoridade do senhor Infante dom Pedro etc. Alvaro Anes o fez no ano de iiij^o Rj — (Tórre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso V, L.º 2, fl. 102).

Apud Arquivo Histórico, de Braancamp Freire.

Mestre Guedelha nas aclamações de D. Duarte e de D. Afonso V

Rui de Pina, na sua *Crónica de El-Rei D. Duarte*, diz:

«Ao outro dia, depois do falecimento de El-Rei, que eram quinze dias de Agosto, o Infante D. Duarte, depois de haver com os Infantes seus irmãos conselho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter, como príncipe mui católico e prudente, falou ante-manhã com seu confessor aquelas culpas de que sentiu sua consciência gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza da alma que devia, tomar o ceptro real, que já o esperava; e estando-se para isso vestindo de ricos panos e reais, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a êle Mestre Guedelha, judeu, seu físico e grande astrólogo, e lhe disse:

— Parece-me, senhor, que vos aparelhais para logo entrardes na real sucessão que vos por direito pertence, peço-vos por mercê, que êste auto dilateis até passar o meio-dia, e nisso prazendo a Deus fareis vosso proveito, e será bem de vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido, mostram ser mui perigosas, e de mui triste constelação, cá Júpiter está retrógrado, e o sol em decaimento com outros sinais que no céu parecem assaz infelizes.

O Infante lhe respondeu:

— Bem sei, Mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nascem êsses cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa, e uma das ciências entre as outras permitidas e aprovadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobrecelestes; porém, o que principalmente creio, é ser Deus, sobretudo e que com sua mão e ordenança são tôdas as cousas; e, portanto, êste cargo que eu com sua graça espero tomar, seu é, e em seu nome, e com esperança de sua ajuda o tomo, a Ele só me encomendo, e à Bemaventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia hoje é, e com muita devoção e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça e ajude a governar êste seu povo, que me quer ora encomendar, como sentir que seja mais seu serviço.

E Mestre Guedelha tornou dizendo:

— Senhor, a Ele praza que assim seja;

como quer que não era grande inconveniente sobreserdes nisso um pouco para tudo se fazer prósperamente, e como devia.

E o Infante lhe respondeu:

— Não farei, pois, não devo, ao menos por não parecer que mingua em mim a esperança de firmeza que em Deus, e sua fé devo ter.

E logo Mestre Guedelha afirmou que reinaria poucos anos, e êsses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram, segundo ao diante se dirá.»

Descrevendo a cerimónia da aclamação do Rei D. Afonso V, o cronista Rui de Pina diz:

«O Príncipe D. Afonso, pôsto em vestiduras reais, e bem acompanhado de todos, safu fora ao assentamento, onde, pelo Infante D. Pedro, com grande reverença e muito acatamento, foi pôsto na cadeira real.

E enquanto um Mestre Guedelha, singular físico e astrólogo, por mandado do Infante regulava, segundo as influências e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar aquela obediência:

E em dizendo Mestre Guedelha, que era boa hora para fazer sua obediência, o Infante com os giolhos em terra, tomou as mãos ao Príncipe, e em lhas beijando, disse:

HANUCAH

A Comunidade Israelita do Pôrto, festejou duplamente o dia 18 de Dezembro. Fê-lo com suficiente razão, pois esta data comemorou o primeiro dia da solenidade de Hanucah (Festa das Luzes) e o aniversário do seu Presidente e nosso prezado Director Sr. Capitão Barros Basto. Em homenagem a este ofereceu a Comissão Directiva do Grupo Sionista Judah Halevi um *Copo-d'água*, que decorreu no meio de grande animação.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA